

Rosa da Penha desperta

Sandra Faria/AT

A Tribuna vai passar uma semana no bairro que aproveita a influência de Campo Grande para crescer rapidamente

Equipamento de última geração, mão-de-obra especializada, pontualidade e experiência. Essa é nossa receita para manter a confiança de nossos clientes.

LABORATÓRIO Fleming

Av. Espírito Santo, 230
226.1563 **Bela Aurora**

Av. Campo Grande, s/n
Loja 30
(ao lado da Pax Domini) **Campo Grande**



desenvolvimento comercial e as áreas ao redor vão se transformando em subcentros", avaliou o diretor.

Nova Rosa da Penha possui um comércio pequeno e diversificado com opções de supermercados, bares, lojas de confecção, calçados e padarias.

As fábricas de painéis se destacam na área industrial. São nove indústrias especializadas na produção de painéis fundidos voltadas para os mercados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Há oito meses, os pequenos



Rosa da Penha, em Cariacica, se desenvolve com os olhos voltados para Campo Grande (ao fundo)

empresários se reuniram para fundar a Associação dos Fabricantes de Painéis Fundidos de Cariacica. O objetivo é buscar novos mercados e aperfeiçoar o produto, segundo o primeiro secretário da entidade, Robson Vander Damasceno Tesch.

O setor industrial do bairro ainda inclui indústrias de móveis, gesso, biscoitos e pães

caseiros, blocos e esquadrias de alumínio.

O bairro surgiu em meados da década de 60. No local vivem 4.317 habitantes, conforme dados levantados em 1996 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma das principais deficiências do bairro é a defasagem de vagas nas escolas da região. De acordo com a diretora da Es-

cola de Primeiro Grau Rosa da Penha, Ana Maria Ramos, existem três escolas públicas no bairro. Mas, seriam necessárias mais de 800 novas vagas para atender à demanda.

Em Cariacica, o projeto do jornal **A tribuna** já visitou os bairros de Vila Capixaba, Porto de Santana, Cruzeiro do Sul, Itacibá, Jardim América e Campo Grande.

Gaiivotas recorre contra taxa

O Movimento Comunitário de Parque das Gaiivotas ameaça entrar com uma ação no Ministério Público caso a Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) não discuta a anulação da cobrança da taxa de esgoto, que equivale a 80% do consumo de água.

Durante a visita do projeto **A Tribuna com Você** ao bairro, a comunidade resgatou a história da cobrança. Por possuírem uma Estação de Tratamento de Esgoto, os moradores são obrigados a pagar uma taxa de manutenção em troca do serviço.

O valor começou a ser pago a partir da data de inauguração do conjunto residencial Parque das Gaiivotas, em 1990. "Começamos pagando 30% do valor do consumo de água. Mais tarde, passamos a pagar 50%, e atualmente, a taxa chega a 80%", reclamou o presidente do movimento, Roberto Almeida.

A bancária aposentada Maria Auxiliadora Barroso pagou, no último mês, R\$ 30,57 de conta de água. Deste total, R\$ 16,96 corresponde ao consumo de água e R\$ 13,62 à taxa de esgoto.

"Nós queremos conhecer a

planilha, ou seja, as fórmulas utilizadas nos cálculos dos custos da manutenção da estação de tratamento", disse a moradora.

De acordo com o gerente comercial da Cesan, Sebastião Fortes Coelho, até maio de 1996, a empresa cobrava como tarifa de esgoto um percentual da tarifa de água.

"Até então, eram poucos os sistemas de esgotamento sanitário e seus custos não tinham tratamento separado dos custos da água", avaliou o gerente.

A empresa realizou estudos específicos para definir a tarifa de esgoto que cobrisse os custos do serviço. "Em junho de 96, passamos a ter uma tabela de tarifa de esgoto que foi construída a partir de seus custos", informou.

Segundo ele, esta tarifa varia conforme a categoria do imóvel e o consumo. "Água e esgoto são serviços distintos, com custos próprios, portanto, com tarifas próprias", explicou Fortes.

O movimento entregará um abaixo assinado à empresa mostrando a insatisfação dos consumidores.

Simpósio avalia quadro de UTIs em hospitais públicos

Aparelhos insuficientes, falta de profissionais especializados para dar suporte às doenças graves, poucos leitos e equipamentos sucateados. Essa é a realidade das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) dos hospitais da rede pública do Estado.

Com o objetivo de discutir a situação, está acontecendo o primeiro Simpósio de Terapia Intensiva do Hospital Evangélico, em Vila Velha. O evento, que começou ontem e termina amanhã, faz parte das comemorações dos 26 anos do hospital.

A intenção do encontro é promover uma atualização dos profissionais da saúde, já que todos os hospitais do País terão de se adequar à portaria do Ministério Público, publicada em junho desse ano, que regulamenta as condições mínimas de funcionamento das UTIs.

Uma das principais condições da portaria, elaborada com a consultoria técnica da Associação Médica Intensiva Brasileira (AMIB), é que toda UTI deve contar com pelo menos um médico especialista na área.

Para se adequar a nova norma, palestrantes de nível nacional e internacional estão participando do encontro. Eles discutem vários temas, como o desenvolvimento tecnológico na área de terapia intensiva, novos conceitos, estratégias de tratamento, atualidades e tendências.

O primeiro Censo Brasileiro de UTIs — realizado pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira (Amib) com a intenção de classificar as UTIs — também será abordado.

Até o momento, o censo analisou 450 unidades (40% do total do País), mas apenas a

UTI do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, atende às normas fixadas pela nova portaria.

"Aqui no Estado, os hospitais da rede pública vão ter muitas dificuldades para se adequar à portaria. São UTIs mal aparelhadas e sem aprimoramento técnico. É preciso urgentemente melhorar a qualidade e a humanização do atendimento nessas unidades", comentou a cardiologista e especialista em terapia intensiva, Josiane Motta e Motta.

Ela citou como exemplo o Hospital Dório Silva, que tem profissional de neurocirurgia, mas não possui equipamentos suficientes para o procedimento. "Infelizmente, só o antigo Hospital São Lucas (Samu) tem condições de fazer atendimentos na área de neurocirurgia."